



O CONCEITO DE FORMAÇÃO DISCURSIVA: MÚLTIPLOS OLHARES

Luciana Vedovato¹

Cristiane Lenz²

A Análise do Discurso da escola francesa tem como fundador Michel Pêcheux, que, entre os principais conceitos que norteiam a teoria, trabalha com a noção de Formação Discursiva, emprestada de Foucault e desenvolvida a partir de uma ótica marxista. Em seu texto de 1969, Pêcheux trata da noção de Formação Social, considerando que o sujeito fala de diferentes lugares sociais, o que já parece apontar para um “lugar” que controla os dizeres dos sujeitos. Já em Pêcheux, o conceito de Formação Discursiva aparece em seu texto de 1975, em uma proposta de revisão da *Análise Automática do Discurso*.

A partir de uma leitura de Althusser, Pêcheux considera que a noção de ideologia é essencial para o desenvolvimento do conceito de Formação Discursiva. Define *formação ideológica* como um elemento constituído por um conjunto de atitudes e representações que não são nem individuais nem universais, mas se relacionam a posições de classe e é suscetível de intervir no confronto entre diferentes forças na conjuntura ideológica característica de uma formação social. (p.166) Assim, as formações discursivas intervêm nas formações ideológicas enquanto componentes e determinam o que pode e deve ser dito, a partir de uma relação de lugares no interior de um aparelho ideológico e inscrita numa relação de classes.

Ao longo de Pêcheux, o conceito de Formação Discursiva foi sendo revisto, juntamente com outros conceitos a ele relacionados. Em 1975, Pêcheux afirma também que toda formação discursiva deriva de *condições de produção* específicas, sendo que no mesmo texto reflete sobre a forma pela qual havia abordado a noção de *condições de produção* anteriormente. No texto de 1969, afirma que “um discurso é sempre pronunciado a partir de *condições de produção* dadas.” (1993, p. 77), sendo que associa essa noção a um lugar socialmente delimitado. Segundo ele, as formações imaginárias também fazem parte das condições de produção, sendo que o que é dito por A modifica as condições de produção, possibilita novas antecipações e permite a “continuação” do discurso. (p. 89) No entanto, em 1975 afirma que os processos discursivos não poderiam ter sua origem no sujeito, já levando em consideração a questão do assujeitamento, ou seja, dentro de uma FD é que ocorre o assujeitamento. Assim, em 1975 Pêcheux parece considerar que reduziu o conceito de *condições de produção* a uma “variável subjetiva”, ou seja, ao efeito das

¹ Professora do Departamento de Letras/Linguística da Universidade Estadual do Oeste do Paraná-Unioeste e doutoranda em Teorias do Texto e Discurso da UFRGS.

² Mestranda em Teorias do Texto e do Discurso – UFRGS.

relações de lugar nas quais se acha inscrito o sujeito e a “situação” no sentido concreto do termo, e que é preciso reconhecer que há uma defasagem entre o imaginário e o real. Isso implica, ao que parece, retirar das condições de produção a carga subjetiva que justificaria um processo discursivo pelo imaginário e pela situação empírica e imediata vivenciada pelo sujeito.

Assim, Pêcheux parece ampliar não só o conceito de condições de produção, mas consequentemente o de Formação Discursiva, visto que é ela que determina o que pode e deve ser dito, e não mais só o imaginário ou o contexto imediato.

Ainda no texto de 1975, a noção de formação discursiva é bastante atrelada ao de família parafrástica e matriz do sentido. Segundo Pêcheux,

[...] a produção de sentido é estritamente indissociável da relação de paráfrase entre sequências tais que a família parafrástica destas sequências constitui o que se poderia chamar “matriz do sentido”. (1993, p. 169)

Por conseguinte, o autor afirma que o sentido de uma sequência só é materialmente concebível na medida em que pertence a uma ou outra formação discursiva. (*op. cit*) Então, entendemos que os efeitos de sentido se dão no interior de uma Formação Discursiva na medida em que cada sequência deriva de uma matriz do sentido que se encontra no interior dessa FD.

Entretanto, há de se mencionar que em *O Discurso: estrutura ou acontecimento* (1997), Pêcheux já sinaliza os limites da teoria por ele proposta especialmente no que diz respeito ao estável/não estável; homogêneo/heterogêneo e me como se organizam os saberes de tais ordens e aproximando-se das unidades de repartições,

O objeto da linguística (a própria língua) aparece assim atravessado por uma divisão discursiva entre dois espaços: o da manipulação de significações estabilizadas, normatizadas por uma higiene pedagógica do pensamento, e o de transformações de sentido, escapando a qualquer norma estabelecida a priori, de um trabalho de sentido sobre o sentido, tomados no relançar indefinido das interpretações (p.51)

A consideração desse relançar indefinido das interpretações remete-nos as formações heterogêneas das FDs das quais os sujeitos participam, uma estabilidade dependente de um conjunto de valores que escapa, que é arredo, pois filia-se e desfila-se conforme a ordem da história e afetado pelo acontecimento fato esse que inviabiliza a homogeneidade. A análise do enunciado *On a gagné*, revela que Pêcheux ocupou-se de refletir os próprios postulados para a análise do discurso, repensando desse modo também os procedimentos metodológicos.

Foucault, por sua vez, em sua *Arqueologia do Saber*, reflete sobre a repartição dos saberes, tais como a medicina, a gramática e a economia para situar os enunciados pertencentes a esses campos. Assim, para ele, as Formações Discursivas podem ser entendidas como um conjunto de saberes que definem o objeto, pois não é possível pensá-lo de forma estática, uma vez que tal objeto está sujeito ao acontecimento, à sistematização e à relação que esse objeto, enquanto enunciação,

estabelece com os domínios de memória e do acontecimento. Ou seja, na tentativa de pensar quais são as formulações que promovem a homogeneização de um campo para que ele possa ser considerado como um sistema de saberes unificados, conclui que essas formulações são heterogêneas demais para que se possa pensar em unidade, e, portanto, estabelece o princípio de que as possibilidades de reunir temas incompatíveis ou de introduzir um mesmo tema em conjuntos diferentes constituem as formações discursivas.

A preocupação de Foucault nos parece relevante no que se refere aos estudos discursivos, pois ele reflete sobre uma suposta unidade no tratamento de um objeto que pode não se justificar, em última análise, ser concebido como objeto único e que contempla as mesmas características em todos os discursos em que se acredita estar abordando esse mesmo objeto. Da mesma forma, hoje também poderíamos nos questionar sobre a abordagem de diversas áreas de saberes que tomam o seu objeto através do pressuposto de um discurso unificado e sabido por todos.

Assim, o autor formula quatro teses, ao longo do capítulo As Formações Discursivas, em sua *Arqueologia do Saber*, para pensar a dispersão e a repartição dos saberes. Afirma:

De modo paradoxal, definir um conjunto de enunciados no que ele tem de individual consistiria em descrever a dispersão desses objetos, apreender todos os interstícios que os separam, medir as distâncias que reinam entre eles – em outras palavras, formular sua lei de repartição. Parece que é a partir daí que a reflexão de Foucault evolui para chegar à concepção de que é um semelhante sistema de dispersão entre um número de enunciados que dá origem a uma Formação Discursiva. Ampliando, nomeia *regras de formação* as condições a que estão submetidos os elementos dessa repartição. (2013, p. 47)

Percebemos que Pêcheux (2010), mesmo sem mencionar Foucault, vai considerar os escritos foucaultianos para propor a definição de Formação Discursiva que se relaciona diretamente com as Formações Ideológicas e só é possível de apreensão se tomada a partir da análise do interdiscurso. Esse interdiscurso remete a outras Formações Discursivas, o que reafirma a constância do conceito de FD permeando toda a teoria da Análise do Discurso.

Um dos objetivos deste trabalho é, também, explicitar como este quadro teórico do conceito de Formação Discursiva para Foucault e para Pêcheux é visto por Jean Jacques Courtine, haja vista sua importância para a teoria da Análise do Discurso.

Courtine foi aluno de Pêcheux e na obra intitulada *Análise do Discurso Político: o discurso comunista endereçado aos cristãos* ele faz uma leitura de como seu usou o conceito de FD e, apropriando-se dos termos foucaultianos, engendrar um conceito de Formação Discursiva que superasse alguns obstáculos, para que a própria Análise do Discurso, especialmente nos processos metodológicos, fizesse a devida relação entre a materialidade linguística e as condições de produção.

Para tanto, ele primeiro aponta o que considera como pontos-fracos na teoria de Pêcheux, no sentido que no procedimento analítico ela não se sustentaria, para tanto critica a constituição tanto dos corpora de arquivo, quando dos corpora experimentais e ainda que nos dois casos o conceito de dominância fosse aplicado por dispositivos em que tal noção fosse representada por *CP estáveis e homogêneas* (p.78) o que acabaria falseando o *corpus*, pois

o caráter indutor de uma instrução e da natureza homogeneizante de uma situação experimental que se confunde com a situação escolar que dominância, estabilidade e homogeneidade são garantidas na experimentação (COURTINE, 2009, p.79)

Em outros termos, a dominância não é observada em uma relação de antagonismo em que forças tensivas de diferentes classes alternam as FD determinantes, o que desemboca em outra crítica feita pelo autor: o maniqueísmo, em termos de Zandwais (2013) de Pêcheux, já que este faria as leituras sempre na relação dos extremos da direita/esquerda e não na possibilidade de direitas ou esquerdas.

Nesse sentido, Courtine aponta que a constituição de um *corpus discursivo que seja adequado à elaboração teórica do conceito de FD, somente poderá ser resolvido pelo tratamento de um campo discursivo de arquivo como dispositivo experimental* (p.80), em termos de análise, a consideração da história na formulação do *corpus*, o interdiscurso como o *lugar da construção dos elementos pré-construídos e da articulação desses elementos* (p.81) observáveis pela leitura dos sentidos linearizados.

A relação da qual está Courtine a falar é justamente os sistemas de dispersão das FDs, uma vez que a recuperação dos elementos acima mencionados só são possíveis nos traços, nas marcas, nos pontos de deriva possíveis no discurso, por isso, a compreensão de que talvez, na primeira fase da AD, as condições de produção ainda não estivessem bem claras enquanto parte do conjunto de elementos metodológicos.

Uma segunda crítica que Courtine faz, diz respeito ao conceito de enunciado. Ele menciona o enunciado justamente por compreender que os modos de existência do discurso, ou *a estabilidade referencial dos elementos do saber* (p.86), essa estabilidade é o modo, também, de identificarmos a FD:

o enunciado se encontra situado, de um lado em uma relação horizontal com outras formulações no interior do intradiscurso de uma sequência discursiva; e, de outro, em uma relação vertical com formulações determináveis noutras sequências discursivas no interdiscurso de uma FD: a definição de enunciado novamente acentua a indissociabilidade dos dois modos de existência do discurso como objeto. Por outro lado, nessa rede



vertical, ou interdiscursiva, de formulações, um dado enunciado tomará lugar entre um conjunto de formulações extraídas de sequências discursivas levantadas de outras CP do discurso, entre as quais algumas serão heterogêneas.(.90)

A formulação proposta por Courtine vai construindo para a AD também uma metodologia, lá que considerar as FD em termos de Foucault (1969) como parte do procedimento de análise, implicaria, para Jean-Jacques Courtine também em uma redefinição das redes de saberes que atravessam os enunciados e como tais saberes (re)organizam os efeitos de sentido (aqui o funcionamento do intradiscurso), considerando a heterogeneidade das FDs (relações de antagonismo, aliança, ajuda, etc).

Observados assim, os dizeres de Courtine o aproximam de Foucault (1969) e que o fazem analisar os textos considerando a Formação Discursiva como um elemento central para a AD e que nelas é possível observar como os saberes, organizados pelo interdiscurso, sistematizam-se diante de determinadas Condições de Produção, fazendo estabelecer relação entre os domínios da memória e do acontecimento.

O conceito de Formação Discursiva, porém, ainda não é ponto pacífico entre os pesquisadores da Análise do Discurso. Desse modo – e para bem exemplificá-la – é possível que encontremos em textos teórico/metodológicos diferentes saberes dentro de uma mesma FD, ou seja, diferentes considerações sobre o conceito de Formação Discursiva. Nesse sentido, a proposição do presente trabalho foi expor o estudo decorrente de leituras realizadas sobre o conceito.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COURTINE, Jean-Jacques. *Análise do Discurso Político*: o discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos, Edfscar, 2009.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do Saber*. Rio de Janeiro : Forense, 2012

FOUCAULT, Miche. *A Ordem do Discurso*. São Paulo : Edições Loyola, 2012.

PÊCHEUX, Michel. *Análise automática do discurso*. Tradução de Eni P.Orlandi. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (orgs.) *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Unicamp, 1993. Tradução de: *Analyse automatique du discours*, 1969.

_____. *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Unicamp, 2009. Tradução de: *Verités de la Palice* (1975).

_____. *O discurso : estrutura e acontecimento*. 2 ed. Trad. Eni Puccinelli Orlandi. Campinas, SP : Fontes, 1997.

ZANDWAIS, Ana. *Disciplina Tópicos em Análise do Discurso – o Funcionamento da Noção de Formação Discursiva em diferentes autores*, UFRGS, Porto Alegre : março/julho de 2013.